

EDUCAÇÃO PARA A SENSIBILIDADE: *POIESES* E ESPERANÇA EM CORA CORALINA

Autora: Maria Lília Silva Diniz
Especialista em Gestão Cultural
Licenciada em Artes Cênicas - Universidade de Brasília
liliadinizpoeta@gmail.com

Orientador: Fabio José Cardias Gomes
Doutor em Educação – Universidade de São Paulo
Docente na Universidade Federal do Maranhão – Campus Imperatriz
cardias.fabio@gmail.com

Resumo

Introdução. Este trabalho propõe uma pedagogia-metodologia com referências poético-teatrais no processo de ensinar-aprender no ensino superior, tendo a poesia como condutora das percepções sensíveis, a partir da obra de Cora Coralina. **Desenvolvimento.** Aflori reflexões acerca do modelo de educação dirigida pela ditadura da razão, ensaiei saídas do universo de insensibilidades para dar sentido a um fazer poético-educador, com reflexões baseadas em observações da desesperança encontrada entre educadores do ensino superior durante oficinas ministradas para este público. **Metodologia.** Utilizei pesquisa exploratória de cunho hermenêutico-fenomenológico, relacionei a esta jornada interpretativa minha experiência de leitora da obra coraliniana, a pedagogia da esperança freiriana e noções da educação de sensibilidade. **Resultados.** Aprofundou-se a ressignificação da ensinagem-aprendizagem *pautada no diálogo e na reflexão*, mediada pela arte. **Conclusão.** A constante busca de sentidos, e dos sentidos, na perspectiva do ato de educar com amorosidade, para emancipação e valorização da boniteza do Ser.

Palavras-chave: Ensino superior. Educação de sensibilidade. Poética-teatral. Cora Coralina.

1. SEMEADURA

Este trabalho se dedicou a estudar possibilidades de uma proposta pedagógica nascida do desejo, do *pensentir*, limiar tênue entre a *educadora*triz que em mim habita, no encaixe da poética e sem perder de vista a cientificidade que nos possibilita outros diálogos, busco nas metáforas “um além-sentido que impregna a imagem e explode a sua semântica, transportando os significados em sentidos diferentes” (Ferreira-Santos, 2008).

Os autores principais para este estudo são Cora Coralina (1965, 2001, 2004), Paulo Freire (1994, 1997, 2001 e 2002), Ferreira-Santos (2001, 2008) e Augusto Boal (1990, 1991 e 2009). Também me apoio em minha experiência pessoal no teatro a partir da obra literária de Cora Coralina. E, em estudos de outros autores como Willms e Gomes (2014), que me guiarão na formulação de uma proposta reflexiva-propositiva-prática para uma educação de sensibilidade e com sensibilidade para o Ensino Superior.

O presente trabalho divide-se em três partes. A primeira indica os caminhos teóricos e os temperos poético-pedagógicos escolhidos para responder inquietações que permeiam meu Ser; a segunda parte aborda a fonte nascente de tais inquietações, o motivo do espanto, o que me leva a querer aprofundar na escavação do entendimento por uma nova práxis educacional, por fim, a terceira parte trás reflexões sobre a proposta enunciada, experienciada, como uma das muitas possibilidades de observação, reflexão e ressignificação de caducas práticas pedagógicas.

Como (des)envolver uma educação de sensibilidade por meio da linguagem poética no Ensino Superior? Como criar poéticas-lúdicas para se ampliar o círculo imanente da educação superior dirigida por um reinado da razão iluminista? São sementes *perguntadeiras* que germinam em meu pensar, e que me conduziram aos galhos frondosos da pesquisa exploratória de cunho hermenêutico-fenomenológico, na qual busco oferecer uma contribuição-interpretação em relação com uma antropologia filosófica (na busca mitohermenêutica) da obra poética coralinaiana, relacionando a esta jornada interpretativa, inicial, minha experiência de leitora da obra, do teatro em relação a ela, da pedagogia da esperança freiriana e noções da educação de sensibilidade, conforme os autores supracitados.

Para tanto utilizei a obra completa de Cora Coralina, especialmente os livros de poesias "Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais" (1983), "Meu Livro de Cordel" (1998) e "Vintém de Cobre - Meias confissões de Aninha" (2001). Foi fundamental toda a minha experiência teatral com o Método "Teatro do Oprimido" criado pelo brasileiro Augusto Boal, em especial nos livros "Teatro do oprimido e outras poéticas políticas" (1991), "Jogos para atores e não-atores"(2009), e "Arco-íris do Desejo" (1990).

2. FLORESCÊNCIA

Adentrar pelo universo poético de Cora Coralina, adoçando e *esperanceiando* a alma de quem a lê, a escritora doceira, que vivenciou no seu pouco tempo de escola, situações que poderiam, de modo fatalista, ter nos roubado a possibilidade de provar e nos deliciar com seus escritos, e registrou sem mágoas, segundo a mesma, o modelo da velha escola: "Nem recreio, nem exames. / Sem cânticos, sem merenda.../ Digo mal - sempre havia distribuídos / alguns bolos de palmatória... / Minha escola da Mestra Silvina". (CORALINA, 1983. p 45).

No atual modelo educacional a palmatória foi substituída por práticas não menos dolorosas, algumas delas afetam diretamente a capacidade do indivíduo de permanecer no ambiente escolar, ou se permanece e chega ao nível superior, não acredita que a universidade possa ser também ambiente para trocas de conhecimentos recheados de alegria, com camadas poéticas amorosas ou subversivas, pitadas doces e picantes de prazer, e que possa ser servido a qualquer hora com suave cobertura de esperança, à qual nos convida saborear o *educAmor* Paulo Freire (1997) e o inquieto teatrólogo brasileiro Boal (1991), que acredita na ação-reflexão e a dialogicidade como única forma de emancipação do sujeito.

Assim, tempero o estudo nessa busca de saberes, para uma proposta pedagógica amorosa que tem se mostrado capaz de retirar cinzas (desesperança) de algumas brasas (pessoas), que imediatamente voltam a aquecer (questionar) e se abrem para receber mais carvão (informações) para continuar a feitura do doce (vida), pela *doce(ciência)*.

2.1. FRUTIFICAÇÃO

Ao longo de minha prática pedagógica fui percebendo a desesperança arraigada nos textos e subtextos, falados ou silenciados, dos colegas ou futuros professores, aliada à constatação de uma realidade de desvalorização do professor, mercantilização da educação, práticas de desumanização dos educandos e educadores, práticas pedagógicas de estímulo ao individualismo e à competição. Presenciando tais processos, de ensino aprendizagem, busquei em Paulo Freire a doce e esperançosa guarida teórica para o desenvolvimento de uma proposta pedagógica, que nos convida a estreitar os caminhos entre o dizer e o fazer conjugando o verbo esperar:

Eu sou esperançoso porque não posso deixar de ser esperançoso como ser humano... Não importa que a maioria esteja sem procurar. Estar sem procurar é o resultado, é o imobilismo imposto pelas circunstâncias em que não pudemos procurar. Mas não é a natureza do ser (FREIRE, 1993, p.6).

E como Ser inacabado sou entrelaçada por outras vozes que nos propõe uma educação de sensibilidade, como Ferreira-Santos (2001) quando afirma que:

Educar o olho para enxergar as flores e o céu, assim como educar a mão para cultivá-los (céu, flores e amigos) seja a divisa mais importante no mundo da Cultura, no seu sentido mais agrário: rasgar o solo árido, revolver a terra, plantar a semente, irrigar com um pouco de poesia e partir para outros campos (FERREIRA-SANTOS, 2001, p. 2).

É o mesmo sentido agrário, que Ferreira-Santos propõe, teluricamente conectado, revirado, fecundado e adubado pelos versos da escritora doceira Cora Coralina (2001) em toda a sua gleba literária e arqueológica, que nos convida, pela alquimia das palavras do ser lírico com a terra, ao recomeço do novo Ser.

2.2. DEGUSTAÇÃO

Na possibilidade do encontro entre CoraFreireBoalFerreira-Santos sigo a trilha de pensar e experimentar outras possibilidades para além do pessimismo, que rima trabalho com poesia, educar com esperança e aprender com alegria, sirvo porções apetitosas de reflexões poéticas que se alinham com o pensar de Gomes & Willms (2014) quando nos dizem que:

É próprio da literatura fazer o trânsito entre as dimensões do tido como certo ou errado, questões humanas universais e locais, este caráter inapreensível do que nos acontece enquanto corpo num mundo atravessado por tensões, nem todas facilmente discerníveis ou cabíveis dentro de simplórios sins ou não, mas sempre abrindo-se para outros e maiores mistérios (GOMES & WILLMS, 2014, p. 5).

Ao explorar o universo do que é tido como fracasso e derrota, trazido por um grupo de professores, em intervenção feita em um centro universitário da cidade de Imperatriz, trouxe o fragmento poético de Cora Coralina: "Procuro superar todos os dias / Minha própria personalidade / renovada, / despedaçando dentro de mim / tudo que é velho e morto. / Luta, a palavra vibrante / que levanta os fracos / e determina os fortes" (Cora, 1983, p 73), experimentamos por meio da montagem de uma cena dramática nascida das imagens geradas pelo texto costurado com uma experiência real vivenciada em sala de aula.

A proposta por mim apresentada consistiu na realização de exercícios corporais lúdicos para aquecimento, seguido de jogos para gerar socialização grupal. Logo após a turma foi dividida em quatro grupos, que por sua vez fez uma contação de histórias reais vivenciadas por cada componente do grupo, nas quais pudessem ser identificados opressor e oprimido (Boal 2009). Em seguida foram distribuídos e lidos em voz alta poemas de Cora Coralina para que os grupos escolhessem o que mais se identificasse com uma das histórias contadas e escolhida pelo grupo. A partir disso, montadas as cenas e experimentadas algumas possibilidades de saídas para os problemas elencados,

utilizando os poemas como fios condutores, no desafio de ensaiar uma nova realidade possível.

Ressalto que, para Boal (1991), o teatro pode ser feito em qualquer espaço, inclusive no teatro. Qualquer pessoa pode fazer teatro, inclusive os atores. Nessa perspectiva não estou propondo que a sala de aula vire sempre um palco, mas, sobretudo, que seja um espaço para mediação de conflitos pela dialogicidade amorosa, criativa e inventiva, rumo à busca de novos condimentos nos quais possamos saborear a educação como um processo de construção humana que persiste por toda a vida (Gomes & Willms, 2014), e sem os quais nos impossibilitamos de manter o fogo aceso para aquecer o prazer diário e a alegria exigida na prática sensível de uma nova postura pedagógica.

Experienciar por meio da *escritavivência* de Cora Coralina poéticas pedagógicas, *escrevivendo*, no palco e na vida, uma proposta libertária de uma educação para a sensibilidade, conduz-me para o desejo de partilhar os saberes cambiados e os sabores até aqui experimentados. O que me faz recordar o depoimento de uma professora, quando em contato com a referida proposta: "*Eu nunca imaginei que a poesia e o teatro juntos poderiam me ajudar compreender coisas tão complexas de maneira tão simples, acho que está faltando, da minha parte, mais entrega*".

À medida que vamos compreendendo que a transformação começa, antes, de dentro para fora poderemos nos lançar em busca de um re-encantamento com o fazer pedagógico, em conexão amorosa conosco e na construção diária de nossa re-humanização, numa explosão de subjetividade, prazer, desejo, transcendência e transmutação da frigidez pedagógica que nos habita.

3. SERVIDOS?

Busco, possibilidades de experimentações que poderão apontar respostas ou mais perguntas, por compreender que podemos expor nossas ignorâncias, me abrindo para uma relação dialógica, à busca de explicações com inquietação e curiosidade na compreensão do meu Ser pedagoga em feitura. Enquanto herdeira e bebedora de fontes tão preciosas, degusto e partilho da utopia do novo tempo, do ser humano em estado de florescimento, em movimento constante, por acreditar existir e coexistir com a dúvida, o medo e a desesperança sem perder a capacidade de enfrentá-las e ressignificá-las.

5. REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

_____. **O arco-íris do desejo: método Boal de teatro e terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990 .

_____. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BRITTO, Maria Eugenia Curado, Marlene Velasco e Clovis Carvalho (orgs). **Moinhos do Tempo: Estudos sobre Cora Coralina**. Goiânia: Kelps, 2009.

CORALINA , Cora. **Poema dos Becos de Goiás e Estórias Mais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1965.

_____. **Melhores poemas**. Seleção de Darcy França Denófrío. São Paulo: Global, 2004.

_____. **Vintém de cobre - Meias confissões de Aninha**. Goiás: UFG 2001

_____. **Meu Livro de Cordel**, 8ªed, São Paulo: Global 1998.

FERREIRA-SANTOS, Marcos. (2001). **Novas Mentalidades e Atitudes: Diálogos com a Velha Educação de Sensibilidade**. Disponível em http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg_SP/Educacao/M_EducSensib.htm Acesso em 05/06/2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.

_____. **Política e educação: ensaios**. 5. ed - São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23)

GADOTTI, Moacir. Paulo Freire: "**Nós podemos reinventar o mundo**". Entrevista Paulo Freire, realizada em 1993. Disponível em: <http://novaescola.org.br/formacao/paulo-freire-podemos-reinventar-mundo-entrevista-640706.shtml>. Acesso em 10 de junho de 2016.

GOMES, Fabio José Cardias e WILLMS, Elni E. **Educação de sensibilidade crepuscular: escrevendo o corpo na capoeira angola**. 2014. Disponível em <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/2187/1659>. Acesso em <09 de junho de 2016>.